

Um episódio de agressão em tela: as imagens do ataque à uma equipe de TV em Barbacena como registro do que não se deve repetir¹

Gabriel Landim de SOUZA²

Mestrando

Iluska Maria da Silva COUTINHO³

Doutora

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

Resumo

A imprensa tem sido alvo constante de episódios violentos. Se, historicamente, o jornalismo sempre foi referência em informação confiável, esta credibilidade é colocada em xeque com o fortalecimento da Internet. Com tantas informações, reais ou não, circulando pelas mídias sociais, o telejornalismo deixou de ser, para parte do público, fonte da verdade por excelência. Episódios de violência contra equipes de telejornalismo são narrados pelas próprias emissoras e passam a integrar a memória audiovisual também do público. Neste artigo, pretende-se entender como esse tipo de episódio é exibido no telejornal, tendo como objeto empírico de estudo, por meio da análise da materialidade audiovisual, a agressão à equipe de reportagem da TV Integração Afiliada Globo de Barbacena ocorrida em 20 de maio de 2020.

Palavras-chave: História das Mídias Audiovisuais; telejornalismo; violência; memória; público.

Introdução

A televisão ainda é o principal meio de comunicação do brasileiro. Segundo dados de 2018 da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a TV está presente em 96,4% dos 71.738 lares do país. Ao liderar o cenário da informação por tanto tempo, a televisão fidelizou seu público. Entretanto, essa atenção vem sendo cada vez mais dividida com as novas tecnologias. À medida que a Internet cresceu exponencialmente, novas formas de consumo da informação se estabeleceram. Segundo a mesma pesquisa, em 2017, a Internet era utilizada em 74,9% dos domicílios do país e, em 2018, este percentual subiu para 79,1%.

Os atores sociais envolvidos no processo de consumo da informação não somente assistem à programação da TV, mas também passaram a ser produtores e compartilhadores de conteúdo. Com amplas possibilidades, o poder da informação não é mais centralizado nos

¹ Trabalho apresentado no GT História das Mídias Audiovisuais, integrante do XIII Encontro Nacional de História da Mídia.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). Jornalista na TV Integração Afiliada Globo. E-mail: gabriellandim@outlook.com.

³ Doutora. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF. Coordenadora do grupo de pesquisa Núcleo de Jornalismo e Audiovisual (NJA). Jornalista. E-mail: iluskac@globocom.com.

meios tradicionais. Conseqüentemente, o valor-notícia, antes decidido pelas redações de jornalismo, agora é colocado em discussão, já que qualquer internauta pode avaliar o que vale ser compartilhado, de acordo com suas convicções, ainda que esse critério não seja coincidente com o noticioso. Por este motivo, o trabalho do jornalista é colocado em xeque, já que, em muitos casos, a seleção de fatos de interesse público realizada por este profissional é recusada pelo consumidor da notícia.

Tal descompasso entre avaliações têm resultado em conflitos, muitas vezes físicos, como pode ser observado nos crescentes ataques à imprensa. As notícias produzidas por veículos tradicionais de comunicação passaram a ser questionadas por um determinado público, resultando em uma “onda de fúria” contra os profissionais da imprensa. Segundo o último Relatório da Violência contra Jornalistas e Liberdade de Imprensa no Brasil, da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em 2020 o país registrou 428 casos de ataques a esses profissionais, o que representa um aumento de 105,77% em relação a 2019, ano em que também houve crescimento das violações à liberdade de imprensa no país.

Nesta estatística, está o episódio vivenciado pela equipe de reportagem da TV Integração Afiliada da TV Globo em Barbacena, no Campo das Vertentes de Minas Gerais. A repórter e o cinegrafista faziam uma reportagem relacionada à pandemia da Covid-19, quando foram atacados verbalmente por um interlocutor nas ruas do município mineiro. Em seguida, o repórter cinematográfico foi agredido fisicamente, ficando ferido. O agressor, posteriormente identificado como empresário, foi preso. Toda a ação foi filmada e repercutiu nos telejornais e no portal de notícias da própria emissora, e na mídia nacional. A materialidade audiovisual, neste contexto, foi fundamental para que o caso ocupasse um espaço na trama e memórias audiovisuais, e fosse repercutido.

Mas, afinal, como esse caso foi exibido e inscrito na história e memória dos telejornais da emissora? Houve diferença na exploração do material, por outros veículos? Busca-se responder a essas questões por meio de pesquisa bibliográfica e da análise da materialidade audiovisual, buscando identificar como a TV Integração abordou o episódio.

Da informação apurada ao conflito pela convicção

Sean Hagen (2008) defende que, com os olhos fixos do público, a TV não só define o que é notícia, mas se torna ela própria uma informação. Segundo Flávio Porcello (2006), o espetáculo audiovisual gera credibilidade. “Se apareceu na TV, então aconteceu”

(PORCELLO, 2006, p.146). Flávio Porcello e Roberto Ramos (2012) comparam os telejornais às *Ágoras* da Grécia antiga, pontos de encontro para debater problemas da sociedade e conceitos de verdade e mentira. Para Iluska Coutinho (2009, p. 73), os telejornais suprem uma função pública, pois se apresentam “como mediação entre a experiência vivida pelo outro, cuja fala aparece na tela e no mundo, e a vida particular de cada telespectador em suas relações com a sociedade”. Segundo Iluska Coutinho, Jhonatan Mata e Gustavo Pereira (2020, p. 22), “a questão da qualidade no jornalismo está diretamente associada ao grau de confiança nele como poder fiscalizador [...]”. Este ato de fiscalizar os três poderes da república deu à imprensa o título de “quarto poder”.

Entretanto, com a Internet, o público tem acesso a conteúdos informativos sem ligar a TV. Segundo Paulo Eduardo S. L. Cajazeira, “dá-se o poder de escolha ao usuário, que, nesse novo modelo, passa a não ser mais refém da programação fixa do canal de TV” (2015, p. 198). Para Henry Jenkins (2009, p. 46), “se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação”. Segundo Willian H. Dutton e Elizabeth Dubois (2015, p. 52-53, tradução nossa), “assim como a imprensa criou o potencial para um quarto poder no século XVIII, a Internet está possibilitando um quinto estado no século XXI”. Para Dutton (2009, p. 4, tradução nossa), “indivíduos podem interagir com pessoas, informações, serviços e tecnologias de forma que sigam e reforcem seus interesses pessoais”. Há um receio de que a verdade possa vencer as ideologias.

Patrick Charaudeau (2013) conceitua como “pós-verdade” as convicções acima da realidade. Na pós-verdade, os fatos são menos influentes na formação da opinião pública do que os apelos à emoção e a crenças pessoais. Para Charaudeau (2013, p. 49), as informações da pós-verdade carregam efeitos de verdade que “surgem da subjetividade do sujeito em sua relação com o mundo, criando uma adesão ao que pode ser julgado verdadeiro pelo fato de que é compartilhável com outras pessoas, e se inscreve nas normas de reconhecimento do mundo”. O real passa a ser “descredibilizado”, assim como os veículos tradicionais.

Para Silvânia Siebert e Israel Pereira (2020), esses meios perderam o monopólio da verdade. Com o “empoderamento” do público, Seixas (2019, p. 133-134) destaca que TV e Internet têm uma relação “erística e combativa, na medida em que haverá sempre, por parte do sujeito, um movimento ‘natural’ de manutenção da ‘chama de sua convicção’ e, logo, de resistência ao ponto de vista do outro [...]”. Coutinho, Mata e Pereira (2019, p. 77) afirmam que quarto e quinto poderes “colidirão devido às peculiaridades e potencialidades que a

Internet traz de divulgação de conteúdo livremente, com menos controle e principalmente romper a lógica do receptor como alguém que não interage e interfere nas produções [...]”.

Para os autores, tal conflito foi evidenciado nas eleições presidenciais de 2018:

Jair Bolsonaro demonstrou a todo momento um conflito entre o quarto e o quinto estado, já que em muitas de suas mensagens faz referência à mídia tradicional, tanto de forma positiva como forma de legitimar as afirmações do candidato, como negativas, nas quais ele argumenta em oposição a este quarto estado que tentaria enfraquece-lo (COUTINHO; MATA; PEREIRA, 2019, p. 87).

O então candidato Jair Bolsonaro conseguiu se destacar pelas mídias sociais, com um tempo reduzido de propaganda gratuita na TV e no rádio. Unidos às suas postagens, seus apoiadores se mostravam cada vez mais adeptos a essa “onda” de compartilhamento pela Internet. Ademais, essas postagens iam ao encontro das crenças dos seus eleitores. Diante disso, é válido entender o espaço que a Internet ocupa na sociedade. O meio parece “empoderar” o indivíduo, que acredita poder julgar o que é a verdade e contestar aquilo que é apresentado como notícia pela TV, mas não coincide com sua ideologia e seus pensamentos. Se em um período, os telejornais estiveram numa posição de destaque ao defender as necessidades da população, agora também são criticados por exibirem “verdades consideradas indesejadas” por parte de telespectadores.

Ao mesmo tempo, as mídias sociais também abriram caminho para que a notícia falsa – ou boato/mentira em forma de notícia – seja compartilhada como se fosse real, pois não há, na maioria das vezes, apuração. As *fakenews*, por muitas vezes, são utilizadas para propagar interesses pessoais. Segundo Raquel Recuero e Anatoliy Gruzd (2019), elas carregam componentes noticiosos para parecerem legítimas. Mascaradas por valores-notícias utilizados pelos meios tradicionais, as notícias falsas ganharam espaço na internet. Isso acontece, principalmente, quando determinada informação vai ao encontro das convicções próprias do indivíduo. Este ator social, insatisfeito com a notícia elencada como verdade pela TV, usa do poder adquirido pela Internet para propagar aquilo que acredita ser real. Em uma mídia em que os critérios da verdade não são estabelecidos, o “falso” encontrou espaço. Neste sentido, o impulsionamento das *fakenews* provocou ainda mais o embate entre TV e Internet – e consequentemente entre seus atores envolvidos, causando ainda mais revolta contra os profissionais da imprensa.

Para Wesley Muniz (2018), as *fakenews* podem gerar violência:

[...] a forma como usaremos a fofoca como artifício de informação [...] também é complexa, mesmo quando estamos lidando com fatores relacionados à violência, dos quais as fofocas ou boatos podem também induzir até mesmo comportamentos violentos ou, como percebemos, a violência em várias esferas. (MUNIZ, 2018, p.369)

Neste contexto, o jornalista passa a correr risco nas ruas. Os protestos contra a TV não acontecem apenas na Internet, apesar de serem potencializados neste meio. Há quem se manifeste até mesmo diante das câmeras da emissora. Furiosas, essas pessoas tomam, à força, o microfone dos repórteres e até danificam os equipamentos. Os indivíduos “revoltados” chegam a usar força física como alternativa para barrar a emissão de informações que possam contrariar suas convicções. Esta “fúria” destinada à instituição tem como alvo os profissionais que estão nas ruas. Em muitas vezes há agressões verbais e, em certos casos, violência física.

Ao pesquisar estudos científicos já realizados com o telejornalismo, Iluska Coutinho (2016) lembra a tensão do trabalho dos jornalistas. Foi preciso estabelecer uma série de mudanças no processo de produção, para garantir a segurança das equipes.

Na cobertura de manifestações políticas muitas emissoras investiram em estratégias de proteção de suas equipes, como a retirada ou ocultação de canoplas, ou ainda a escolha de locais mais seguros para registro e relato dos acontecimentos, como sacadas de prédios, por exemplo. (COUTINHO, 2016, p. 1)

O alvo, muitas das vezes, é a TV Globo, acusada de contrariar as palavras do presidente Jair Bolsonaro. Essa “audiência agressiva” afirma que durante a pandemia da Covid-19, a emissora tem produzido um alarmismo intencional na população ao mostrar hospitais lotados, número crescente de contaminados e vítimas fatais. A Globo também virou alvo de críticas por apoiar e divulgar as recomendações de distanciamento social da Organização Mundial da Saúde e do Ministério da Saúde. O discurso dos descontentes com essa orientação é o mesmo de Jair Bolsonaro, que considera a TV Globo sua “inimiga”.

Telejornalistas agredidos: a cobertura da própria emissora

O episódio de agressão à equipe de reportagem da TV Integração em Barbacena, no Campo das Vertentes de Minas Gerais, ocorreu no dia 20 de maio de 2020. A repórter Thaís Fullin e o cinegrafista Robson Panzera faziam a gravação de uma reportagem que tratava da investigação do Ministério Público sobre alunos da Escola Preparatória de Cadetes do Ar (Epcar). Eles estariam aquartelados, praticando atividades conjuntas dentro da instituição, mesmo com as aulas suspensas; parte destes estudantes teria sido infectado pelo coronavírus. Segundo noticiado pela emissora, durante as gravações, a equipe estava na Rua Santos

Dumont, no Bairro São José, quando um homem parou o carro próximo à equipe e começou a agredir verbalmente os jornalistas. Em seguida, ele avançou sobre o repórter cinematográfico Robson Panzera, tomou o equipamento de gravação e reagiu à tentativa do jornalista de recuperar o material. O cinegrafista tentou proteger os equipamentos de gravação, resguardando a câmera em uma mão e se protegendo do agressor com a outra. O homem conseguiu pegar o tripé e atingiu o cinegrafista com o equipamento. Em seguida, chutou a câmera e saiu do local. Todo o episódio foi gravado por celular, pela repórter Thais Fullin. Por não ter sido alvo da agressão física, a jornalista conseguiu flagrar a violência cometida contra seu parceiro da notícia, que, como mostram as imagens, tentava se proteger e resguardar a integridade do equipamento de gravação, danificado no ataque (figura 1).

Figura 1 – Agressão ao cinegrafista e equipamento danificado após ataque



Fonte: Reprodução / GloboPlay / G1 Zona da Mata (2021)

Num momento em que a equipe de jornalismo passa a ser a notícia, e em que há uma ameaça na garantia do direito à informação, o episódio foi veiculado em diversos meios de comunicação da região e do Brasil, sendo destaque, principalmente, nos telejornais e no portal de notícias da própria emissora. Para entender como o episódio foi noticiado, utilizamos a análise da materialidade audiovisual proposta por Iluska Coutinho (2016), para considerar o material como uma unidade de texto, som, imagem, tempo e edição. Como eixos de avaliação, utilizamos o tempo dedicado para abordar o assunto da agressão, bem como a duração da exploração do vídeo do flagrante e de outros conteúdos relacionados ao tema, os recursos utilizados para narrar o fato e para quem foram destinados os espaços de fala.

Cabe explicar que, nesta época, os telejornais da Rede Integração em Minas Gerais eram exibidos em conjunto entre diferentes regiões do estado⁴. O telejornal MG2, gerado naquele dia pela TV Integração Juiz de Fora e exibido não só para a Zona da Mata e para o

⁴ De março a setembro de 2020, os telejornais da Rede Integração foram produzidos e exibidos em conjunto entre as geradoras de diferentes regiões da emissora, para reduzir o número de jornalistas nas redações em função de novos procedimentos de escala durante a pandemia Covid-19.

Campo das Vertentes, mas também para o Triângulo Mineiro, deu destaque ao fato ocorrido já na escalada⁵ de abertura, quando a apresentadora Érica Salazar chamou um resumo do fato, em estúdio, convidando o telespectador a entender o que aconteceu com a equipe, ainda naquela edição. Neste dia, o MG2 tinha 25 minutos e 30 segundos de produção – tempo a ser dividido com as demais regiões da rede Integração, em três blocos noticiosos.

O primeiro, de sete minutos e três segundos, foi dividido entre a escalada, a vinheta de abertura, um VT⁶ sobre a fiscalização do decreto de reabertura do comércio em Juiz de Fora, outro sobre a entrega de respiradores doados pela Polícia Militar em Barbacena, e um terceiro material sobre a entrega de remédios da PM em Uberlândia. O segundo bloco, de oito minutos e 52 segundos, foi dividido entre: uma nota seca⁷ sobre o pagamento dos servidores do estado; um VT sobre o parcelamento deste pagamento do governo de Minas; previsão do tempo; notas com artes sobre casos e mortes por Covid-19 nas regiões de cobertura e matéria sobre a pesquisa do Ibope de contaminações pela Covid-19. Por fim, o último bloco, com nove minutos e 35 segundos, foi dividido entre um vivo⁸ sobre suprimentos de prevenção à Covid-19 para o Triângulo Mineiro e a matéria sobre a denúncia de aquartelamento de jovens estudantes na Epcar em Barbacena, que haviam sido infectados pela Covid-19, em meio à suspensão das aulas. Após a exibição do VT, o telejornal dedicou o restante do tempo para a exibição das imagens da agressão à equipe de Barbacena, narrando posteriormente o recebimento, pela emissora, de notas de posicionamento e de repúdio.

Dos 25 minutos e 30 segundos de produção do telejornal - com materiais de duas regiões de cobertura da emissora - quatro minutos e 25 segundos foram dedicados ao episódio de agressão à equipe de reportagem de Barbacena, o que corresponde a 17,32% de toda a edição. Do total do tempo destinado ao assunto – quatro minutos e 25 segundos – um minuto e nove segundos foram utilizados para narrar o acontecimento por meio de uma nota coberta⁹. Ainda neste tempo, há de se considerar uma subdivisão entre 33 segundos utilizados para a exibição do vídeo flagrado pela repórter e outros 36 segundos destinados à cabeça e à nota pé, com complementos do acontecimento. Outros 13 segundos foram utilizados para falar do estado de saúde do cinegrafista. Todo o restante do tempo destinado ao assunto - três minutos

⁵ “Escalada” é o material que traz o resumo dos principais assuntos que serão abordados no telejornal.

⁶ “VT” vem da expressão “videotape”, equipamento responsável por gravar o sinal de áudio e vídeo gerado de uma câmera. Atualmente, o termo é utilizado para identificar uma reportagem editada.

⁷ “Nota seca” é a notícia lida pelo apresentador sem nenhuma ilustração ou imagem.

⁸ “Vivo” é a expressão utilizada para a matéria telejornalística realizada em tempo real, sem edição prévia.

⁹ “Nota coberta” é uma notícia curta, gravada e coberta por imagens.

e três segundos - foi dedicado inteiramente às notas de sindicatos, instituições e da própria emissora. Percebe-se, portanto, que as notas tomaram mais tempo do espaço dedicado ao assunto, em detrimento da exploração do vídeo da agressão.

Gráfico 1 – Tempo do MG2 destinado à notícia da agressão à equipe de Barbacena

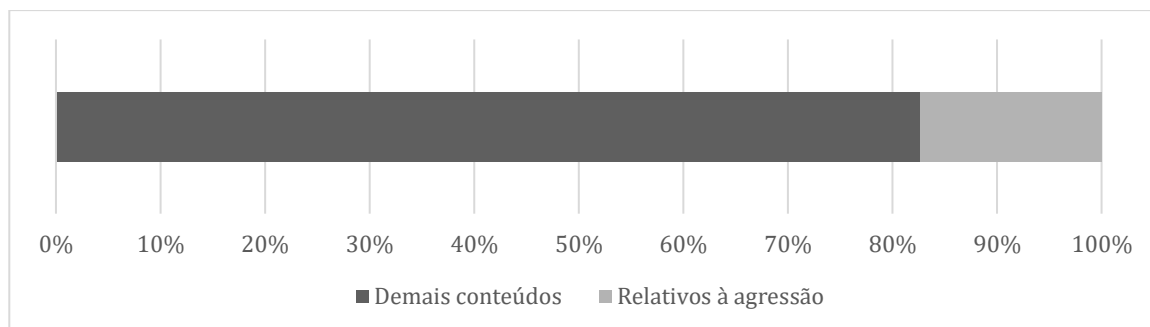
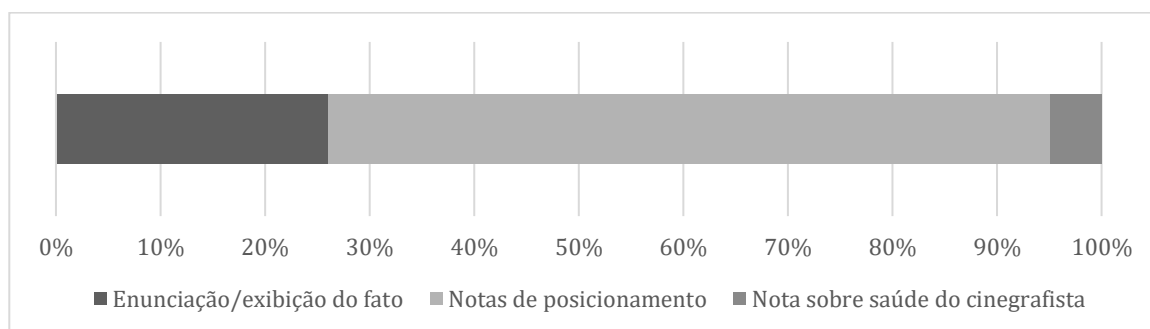


Gráfico 2 – Divisão do tempo destinado ao assunto, por exibição do fato e posicionamentos



Na cabeça¹⁰ de apresentação do tema, ao chamar a nota coberta, a apresentadora localiza o acontecimento e começa a descrevê-lo; o início da ação agressiva não foi filmado.

E enquanto produzíamos essa reportagem em Barbacena, que você acabou de assistir, nossa equipe foi agredida. Eles trabalhavam fazendo imagens na rua Santos Dumont, no bairro São José, região central de Barbacena, em frente à Epcar, quando um homem parou o carro e começou a agredir verbalmente os jornalistas. O resto da ação foi filmado. (MG2, 20/05/2020)

Cabe destacar aqui a condução da apresentadora, desde a enunciação do fato, como um recurso utilizado. Como destacam Porcello e Ramos (2012), a ancoragem realizada pelo apresentador contribui para uma melhor compreensão do relato e facilita a decodificação e o entendimento por parte do receptor. De fato, é o apresentador que faz a mediação do espetáculo televisivo diário e o telespectador, para que o conteúdo seja entendido e haja

¹⁰ “Cabeça” é a abertura da notícia lida pelo apresentador e tem como função chamar o VT, a reportagem.

aproximação. Essa identificação se dá pela expressividade e pelos gestos utilizados, que facilitam a compreensão do fato e demonstram a seriedade do ocorrido. Érica Salazar, ao dizer a frase “[...]ao fazer essa reportagem, nossa equipe foi agredida[...]”, dá ênfase na palavra “agredida”, categorizando a agressão como uma atitude que chama atenção. Ademais, essa informalidade construída ao longo do tempo está também evidenciada no texto televisivo cada vez mais “falado”. É possível perceber que o texto utilizado, de maneira coloquial e objetiva, auxilia no entendimento da notícia. É como se contássemos, informalmente, para um familiar, um amigo ou um vizinho, sobre o ocorrido.

Aliás, outro fator determinante no entendimento da notícia durante a condução da apresentadora foi ressaltar que “[...] o resto da ação foi filmada”, evidenciando a materialidade audiovisual da ação agressiva e convocando os telespectadores a verem com os próprios olhos. É como se dissesse: “vejam vocês mesmos”. É importante apontar que os enquadramentos utilizados foram, em sua maioria, mais fechados no rosto e nas mãos da apresentadora, dando enfoque para a seriedade do assunto expressa no rosto de Érica Salazar.

Em seguida, é exibida a nota coberta, que explora o vídeo do flagrante, narrada pela apresentadora. Na íntegra, o material em vídeo tem cerca de 54 segundos, como repercutido em outros veículos de comunicação. A opção editorial foi de explorar 33 segundos do registro, fazendo recortes de momentos que mostram os golpes deferidos pelo agressor no cinegrafista, narrados pela apresentadora da seguinte forma:

Ele avança sobre o repórter cinematográfico Robson Panzera, toma o equipamento da reportagem e reage à tentativa do jornalista de recuperar o material. Com o tripé da câmera, ele atinge o cinegrafista e depois chuta a câmera. Ele tranquilamente sai do local e vai embora de carro. O repórter cinematográfico foi levado para a Santa Casa de Misericórdia de Barbacena para ser atendido. O agressor identificado como Leonardo Rivelli, empresário, foi levado preso pra delegacia. (MG2, 20/05/2020)

O trecho foi exibido uma única vez. No entanto, é possível perceber elementos essenciais de uma nota coberta, utilizados pela apresentadora, característicos para o uso telejornalístico no caso de imagens de flagrantes. Mesmo sem repetir o momento da agressão, Érica Salazar enfatizou determinados momentos do episódio, descrevendo detalhes das imagens, mesmo que o telespectador possa ele mesmo notar. Uma maneira de dar ênfase ao que está sendo mostrado. A escolha foi de destacar como o agressor avançou sobre o cinegrafista, o ato de bater com o tripé sobre ele, e o de chutar a câmera – um objeto não só de extremo valor democrático e possibilitador da informação, mas também de grande valor

financeiro – e o fato do agressor sair “tranquilamente” depois do episódio violento. Na nota coberta, também foram utilizadas imagens do agressor sentado em uma cadeira na delegacia.

Em nota pé¹¹, a apresentadora disse que o empresário pagou fiança de mil reais, foi liberado e que responderia pelos crimes de dano qualificado e lesão corporal. Também relatou a abertura de uma investigação, e que o advogado do agressor preferiu não se pronunciar.

A apresentadora levou cerca de 22 segundos para abordar o posicionamento da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert), exibindo, em formato de locução em off¹² ao vivo, o print da nota de repúdio da instituição pelo ocorrido (figura 2). A Abert afirmou que nada justifica tamanha violência e cobrou uma apuração rigorosa sobre o caso e punição ao agressor. Também foram utilizados cerca de 19 segundos para exibir, no mesmo formato, o print da nota da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), que exigiu punição ao agressor e segurança para o trabalho do jornalista ao circular pelas ruas de acordo com o regime democrático. Cerca de 26 segundos foram dedicados à exibição da nota da Associação Mineira de Rádio e Televisão, a Amirt, que lembrou o aumento de agressões contra profissionais da imprensa e também cobrou punição por parte das autoridades. A nota conjunta dos veículos de imprensa do Campo das Vertentes foi exibida no mesmo formato, por cerca de 19 segundos, e destacou que a agressão nunca será uma alternativa. Uma nota seca de 23 segundos enfatizou o posicionamento do Sindicato de Jornalistas Profissionais de Juiz de Fora e da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), que manifestaram repúdio ao ato violento, e afirmaram ser uma ação contra a democracia.

Antes de encerrar o jornal com a nota editorial da emissora, a apresentadora levou cerca de 13 segundos para atualizar o estado de saúde do repórter cinematográfico Robson Panzera. Ao relatar que “[...] ele teve uma lesão no dedo e um corte na mão [...]”, é possível perceber que Érica Salazar levanta as sobrancelhas demonstrando seu sentimento diante dos ferimentos do colega. Ao falar sobre o “[...] desejo de rápida melhora [...]” para Panzera, Érica Salazar posiciona e o corpo mais à frente e dá ênfase na palavra “rápida” com entusiasmo, demonstrando o desejo pela recuperação do cinegrafista. Por fim, ela destaca que essa melhora precisa ser rápida para que ele volte rapidamente à “[...] atividade de informar [...]”, com muita ênfase na palavra “informar”. Érica chega a separar a palavra em sílabas (in-for-mar), e fala pausadamente, como modo de destacar a palavra e fazer relação ao trabalho

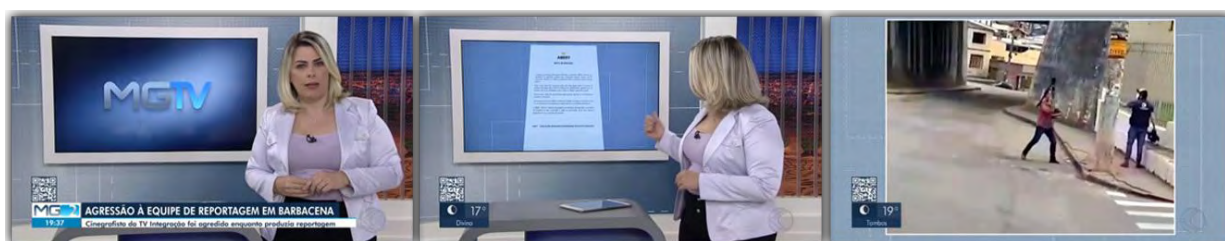
¹¹ “Nota pé” é a informação lida pelo apresentador do telejornal ao final da exibição do VT. Serve para complementar alguma informação que não foi veiculada na matéria ou chegou de última hora na redação.

¹² “Off” é a locução feita pelo jornalista de TV, coberta por imagens. Pode ser gravada ou ao vivo.

da equipe, que buscava essencialmente informar quando foi agredida. A apresentadora encerra a nota desejando “[...] força Panzera”.

O último conteúdo da edição é a leitura da nota oficial da emissora, em nome do diretor de jornalismo da TV Integração, que abordou o respeito à pluralidade de manifestações democráticas, o compromisso com a verdade e a solidariedade da empresa com os agredidos. Do total do tempo dedicado às notas, de aproximadamente três minutos, foram 35 segundos para a leitura da nota editorial do Grupo Integração. A repórter e o cinegrafista não falaram sobre o assunto no telejornal.

Figura 2 – Enunciação/exibição da agressão e das notas de repúdio



Fonte: Globoplay

O portal de notícias da emissora, o G1 Zona da Mata, trouxe as mesmas informações veiculadas pelo telejornal, acrescidas de outros detalhes não utilizados pela TV. O portal ouviu o cinegrafista agredido e publicou um trecho da fala dele sobre o assunto. O G1 também trouxe uma foto do equipamento de reportagem danificado, que não foi exibida na nota coberta televisiva, e disponibilizou o vídeo do fato bem como a versão veiculada na televisão. Ao mesmo tempo, o G1 Zona da Mata também mencionou mais detalhes da resposta do advogado. Enquanto o telejornal se limitou na abordagem de que “o advogado Pedro Possa disse que o cliente preferiu não se pronunciar sobre o assunto”, o G1 Zona da Mata acrescentou que “o profissional também informou que a defesa irá se manifestar somente em inquérito ou em um possível eventual processo”. O portal também destacou a informação de que o advogado do agressor é, também, um dos defensores que trabalharam no caso de Adélio Bispo de Oliveira, que esfaqueou o presidente Jair Bolsonaro em 2018 em Juiz de Fora.

Quanto às manchetes, a descrição utilizada pelo portal se assemelha com a opção escolhida pela TV. Enquanto o telejornal utilizou tarjas com os dizeres “Agressão à equipe de reportagem em Barbacena: cinegrafista da TV Integração foi agredido enquanto produzia reportagem”, o G1 utilizou a seguinte manchete: “Equipe de jornalismo da TV Integração é agredida e cinegrafista ferido em Barbacena”. É possível perceber a opção do portal por dizer,

no título, que o cinegrafista foi ferido no ato de violência. Outros telejornais da TV Globo, como as edições da GloboNews e o Jornal Nacional, também abordaram o ocorrido.

Figura 3 – Trechos da reportagem publicada no portal G1 Zona da Mata sobre o ocorrido



ZONA DA MATA 

Equipe de jornalismo da TV Integração é agredida e cinegrafista ferido em Barbacena

O agressor é um empresário e dono de uma empresa do ramo alimentício da cidade que bateu no jornalista durante filmagem de uma reportagem. Defesa disse que ele preferiu não se pronunciar; entidades enviaram notas de repúdio.

Defesa

Em contato com o G1, o advogado Pedro Possa disse que o cliente preferiu não se pronunciar sobre o assunto. O profissional também informou que a defesa irá se manifestar somente em inquérito ou em um possível eventual processo.

Pedro Possa é **um dos advogados de defesa, que trabalhou no caso de Adélio Bispo de Oliveira, que está preso por ter esfaqueado o presidente Jair Bolsonaro, em setembro de 2018.**

Cinegrafista

"Eu não me calo. Isso já passou dos limites e tem que acabar. Também agradeço as mensagens de carinho", desabafou.

Fonte: Reprodução / G1 Zona da Mata

Outros registros do episódio da agressão: uma memória compartilhada

O jornal Tribuna de Minas destacou a agressão física ao cinegrafista, sem mencionar a violência verbal com a equipe, incluindo a repórter. Grande parte do texto foi dedicada aos relatos do cinegrafista, com longos trechos de fala, em que Robson Panzera relata todo o contexto da confusão. Entre os detalhes, Panzera citou que o agressor acusou a equipe de noticiar mentiras. O jornal abordou ainda a informação apurada com o advogado do empresário de que o mesmo estaria indignado porque "a Rede Globo está transmitindo apenas notícias pessimistas e forçando o pessoal a fechar o comércio". O advogado destacou ao jornal, ainda, que pela falta de circulação de dinheiro, o agressor teria ficado revoltado e "expressou sua raiva com o repórter e aconteceu isso tudo". A alegação do advogado é de que, quando o agressor reclamou das notícias "pessimistas", foi provocado pelo cinegrafista.

Depois da publicização do fato, o nome do agressor Rivelli foi relacionado a uma empresa alimentícia de Barbacena, o que foi desmentido pelo jornal Tribuna de Minas, que esclareceu a não relação entre ele e a empresa por meio de nota enviada pela instituição. O restante da matéria tratou de noticiar o encaminhamento de denúncia do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais ao Ministério Público e deu espaço às notas de repúdio da emissora e de sindicatos.

Na região da Zona da Mata e Campo das Vertentes, outros veículos apresentaram abordagens diferentes ao ocorrido. O portal Barbacena Mais trouxe relato de testemunhas, que ouviram o agressor gritar as palavras "globo lixo", quando passava de carro próximo à

equipe. O portal Folha de Barbacena dedicou uma matéria à repercussão do caso no Brasil, com o posicionamento de políticos, famosos e entidades. O jornal também apontou a abordagem do caso em outros veículos de imprensa pelo Brasil e o destaque do caso nas redes sociais, por ter ficado nos trending topics do Twitter como um dos assuntos mais comentados do momento. Todos os veículos utilizaram o vídeo do fato ou pelo menos um frame¹³ do material audiovisual de autoria da repórter Thais Fullin.

Além da mídia regional, que recorreu ao registro audiovisual, outros veículos de Minas Gerais e do Brasil também abordaram o ocorrido, como o jornal O Tempo e o portal Veja São Paulo. Ambos se basearam nas informações da Polícia Militar e da TV Integração. No jornal O Globo e na Revista Época, o colunista Guilherme Amado incluiu uma entrevista com a repórter Thaís Fullin, autora do vídeo, também agredida verbalmente. Na publicação, a repórter narrou os ataques sofridos pela equipe antes da agressão física.

Considerações finais

De acordo com os dados da Fenaj, os episódios de violência contra a imprensa estão aumentando a cada ano. Por isso, à luz desta relação social no consumo da informação, é importante investigar como o telejornalismo se comporta diante deste cenário, bem como trata os casos de violência com seus repórteres. Nesta análise, foi possível entender como este caso de agressão foi repercutido no telejornal da própria emissora da qual os profissionais fazem parte, bem como as diferentes abordagens utilizadas por outros veículos.

O telejornal da emissora em que as vítimas trabalham deu visibilidade à agressão sofrida por seus profissionais, se atendo ao fato registrado pelas imagens do flagrante e pelas informações disponibilizadas pela polícia. A maior parte do tempo foi dedicada à publicização das notas de repúdio e de condenação do ataque. Já o portal de notícias da emissora deu mais detalhes do caso, possibilitando espaço de fala ao cinegrafista agredido, detalhando a relação entre o agressor e seu advogado, e publicando na íntegra as notas de todas as instituições que se posicionaram.

Para além da emissora, outros veículos de comunicação deram diferentes abordagens ao contexto. Alguns, coletando depoimentos mais completos dos envolvidos – entre a repórter, o cinegrafista e o próprio agressor por meio do advogado. Outros, explorando

¹³ Quadro de vídeo, também conhecido como frames de vídeo ou frames por segundo, é cada uma das imagens fixas de um produto audiovisual.

detalhadamente o vídeo do flagrante. Outros, ainda, dando enfoque na repercussão do caso. De um modo geral, todos consideraram o fato como notícia, a partir do critério de noticiabilidade a ele agregado, considerando a seriedade de um ato violento, um crime que representa também uma ameaça à liberdade de imprensa e à democracia.

A cobertura televisiva de casos como esse, pode trazer à tona uma complexidade de consequências ligadas à privação do trabalho da imprensa, e registrar na memória audiovisual cenas para que estas não se repitam. O exercício de memória é reforçado por meio de registros em outras mídias, impressa e digital. Cabe destacar, neste contexto, a importância da materialidade audiovisual como registro do acontecimento. Por meio do registro que é veiculado em diferentes mídias, e compartilhado em redes sociais de profissionais, entidades e do público, é possível explicitar a dificuldade de profissionais do audiovisual na busca por realizar seu trabalho cotidiano na mídia audiovisual. As narrativas do episódio ainda destacam a relevância da mídia televisiva para a sociedade, manifesta nas cartas de apoio recebidas, que buscam transformar o episódio em um fato histórico, a não ser repetido.

Referências bibliográficas

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. A participação no jornalismo em TV: do analógico ao digital. In: VIZEU, Alfredo et al. (orgs.). *Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo*. Coleção *Jornalismo Audiovisual V. 4*. Florianópolis, Brasil: Insular, 2015. p.181-206.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. 2. Ed. Trad. De Angela M. S. Corrêa. São Paulo, Brasil: Contexto, 2013.

COUTINHO, Iluska. O telejornalismo narrado nas pesquisas e a busca por cientificidade: A análise da materialidade audiovisual como método possível. In: *Anais XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 2016, São Paulo, SP. *Anais [...]*. São Paulo, Brasil: USP, 2016.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo como serviço público no Brasil: reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no *Jornal Nacional/TV Globo*. In VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). *40 anos de telejornalismo em rede nacional*. Florianópolis: Insular, 2009. p. 65-80.

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan; PEREIRA, Gustavo. Democracia e qualidade no jornalismo audiovisual: diálogos TV-internet e o quinto poder. *Revista Estudos em Jornalismo e Mídia*, Vol. 17, nº 1, 2020.

COUTINHO, Iluska; MATA, Jhonatan; PEREIRA, Gustavo. The media between the fourth and fifth power/state: analysis of the second round of the 2018 presidential elections in Brazil. *Sphera Publica*, v.1, n.19. p.72-90, 2019.

DUTTON, William H. Through the Network (of Networks) – the Fifth Estate. *Journal Prometheus-Critical Studies in Innovation*, Volume 27, 2009.

DUTTON, William. H; DUBOIS, Elizabeth. The Fifth Estate: a rising force of pluralistic accountability. *Handbook of Digital Politics*. Edward Elgar, Cheltenham, United Kingdom; Northampton, United States, 2015.

FENAJ – Federação Nacional dos Jornalistas. Violência contra jornalistas e liberdade de imprensa no Brasil: relatório 2020. Brasília, 2021. Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/01/relatorio_fenaj_2020.pdf

HAGEN, Sean. Jornalismo, mito e linguagem: uma abordagem teórica dos apresentadores-estrela. In: VIZEU, Alfredo (org). *A Sociedade do Telejornalismo*. Petrópolis: Vozes, 2008. p. 29-45.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Editora Aleph, 2009.

MUNIZ, Wesley. Da fofoca à pós-verdade: estudando boatos e comportamentos negacionistas nas mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro (orgs.). *Estudando cultura e comunicação com mídias sociais*. Brasília: IBPAD, 2018. p. 359-373

PNAD CONTÍNUA- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS CONTÍNUA: Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2018 / IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro: IBGE, 2020.

PORCELLO, Flávio. TV e poder: as relações sombrias que ajudam a fazer a história recente do Brasil. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; MOTA, Célia (orgs). *Telejornalismo: a nova praça pública*. Florianópolis: Insular, 2006. p. 145-165.

PORCELLO, Flávio; RAMOS, Roberto. Âncora na TV: A celebração do discurso do poder. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). *O Brasil Éditado*. Coleção Jornalismo Audiovisual. V.1. Florianópolis: Insular. 2012. p. 211- 231.

RECUERO, Raquel; GRUZD, Anatoliy. Cascatas de fake news políticas: um estudo de caso no Twitter. In: *Galaxia* (São Paulo, online), n. 41, mai-ago., 2019, p. 31-47.

SEIXAS, Rodrigo. A retórica da pós-verdade: o problema das convicções. In: *EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação*, Ilhéus, n. 18, abr., 2019, p. 122-138. DOI [dx.doi.org/10.17648/eidea-18-2197](https://doi.org/10.17648/eidea-18-2197).

SIEBERT, Silvânia; PEREIRA, Israel Vieira. A pós-verdade como acontecimento discursivo. In: *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 20, n. 2, p. 239-249, maio/ago. 2020.